

TRÊS ROSAS MURCHARAM

(Original em três atos de Érico Cramer)

1ª A T O.

CONTROLE - CARACTERÍSTICA DE ABERTURA, ENDEKEMKEMANNINE

LOCUTOR - Três rosas murcharam. Original em 3 atos de Érico Cramer.

CONTROLE - SOBRE A CARACTERÍSTICA, BAIXA E FUNDE COM "CHARMAINE" QUE FICA EM B/G.

Narrador - (Cantando com a música ou apenas declamando):

Tão breve é a vida das rosas,
tão frágil... tão tênue... fugaz...
que o vento impiedoso do outono
num sôpro mais forte desfaz!...

Ouvindo essa musica e dizendo esses versos que ^{alguem} ~~for~~ para serem cantados com ela, eu me lembro, à propósito, de três rosas que conheci ha cinco anos passados e que deslumbraram, com a sua beleza, todos aqueles que tiveram o grato ensejo de admirá-las; Rosa Amelia... Rosa Helena... e Rosa Maria. Rosa Amelia era a rosa-mãe, mas quem a visse, graciosa e bonita, no meio das duas filhas, havia de jurar que eram três irmãs, com a diferença apenas de um ano uma da outra. Embora se desta casse, cada uma, na diversidade do seu tipo, seria difficil, mesmo a um jury de homens experimentados, escolher a mais bela entre as três belas. Foi num hotel de veraneio que as conheci e tracei conhecimento com ellas. O amigo comum que nos apresentou disse-me, então, que Rosa Amelia era viuva e deveria ter, naquela ^{época} ~~tempo~~, trinta e cinco anos. Eu duvidei. Não podia deixar de duvidar.

Amigo - Juro-lhe como é verdade. Fômos vizinhos, na infância, e nos criamos juntos. Ela tinha, exactamente, a idade da minha irmã Almerinda, por bem.

Amigo - Não é possível!... Ela parece ter apenas mais dois ou três anos que as filhas!

Amigo - Sabe o que aconteceu? Ela casou muito cedo. Penso que com quinze ou dezesseis anos, não estou bem lembrado. O que me lembro perfeitamente é que o seu casamento foi comentadissimo, na época. E sabe por que?

Narrador - Naturalmente pela pouca idade da noiva.

Amigo - Não, não... Não tanto por isso. Principalmente porque o noivo já era um homem de quarenta anos.

Narrador - Rico, com toda a certeza.

Amigo - Niquissimo. Tanto assim que ellas ficaram numa situação esplêndida

com a morte dele e são, hoje, esplendidos partidos qualquer uma das três.

Narrador - Que idade tem as moças, você sabe?

Amigo - Rosa Maria deve estar com dezessete e Rosa Helena com dezenove.

Narrador - Rosa Maria é a lourinha?

Amigo - Exatamente.

Narrador - É um tipo muito interessante... muito harmonioso... dessas mulheres bem delicadas, bem femininas, que nasceram para serem mimadas pelos homens.

Amigo - Estou de acôrdo com você, mas a morena... mexe até com as pedras da calçada.

Narrador - Bem, a morena é um tipo mais dominador. É dessas mulheres seguras do seu valor e que sabem onde pisam.

Amigo - E a mãe tem justamente o mixto de um e de outro tipo.

Narrador - Eu estou em dizer a você que é a mais interessante das três, você sabe?

Amigo - Muita gente é da sua opinião. Lá em casa, por exemplo, a opinião da turma é justamente essa.

Narrador - Ha muitos anos que ela está viuva?

Amigo - Sim. As meninas eram ainda pequenas quando o pai morreu. Faz dez anos pelo menos.

Narrador - Interessante que não tenha casado outra vez.

Amigo - Não foi por falta de pretendentes, isso eu posso lhe garantir, mas e todos ela respondia a mesma coisa...

Mãe - Pensarei nisso depois que minhas filhas casarem. Antes, não. Quero dedicar-me inteiramente à minha missão de criá-las e encaminhá-las na vida.

Amigo - Dizem que foi um pedido que o marido lhe fez antes de morrer. Verdade ou não, o caso é que ela tem recusado ótimos casamentos entre os inúmeros caçadores de dotes que seguidamente lhe aparecem.

Narrador - (narrando) Por intermédio desse amigo, como já lhes disse, eu estabeleci relações com as três rosas e, desde então, por curiosidade e simpatia, apenas, passei a acompanhá-las e a interessar-me pela vida delas. Nesse mesmo hotel de veraneio, onde nos encontrávamos, apare

ceu, alguns dias mais tarde, um rapaz chamado Rodrigo que despertou, logo de chegada, o interesse e a curiosidade de todas as moças que lá se ~~xxx~~ achavam, aberta ou disfarçadamente, à cata de um marido. Era um rapaz alto, elegante, moreno de olhos verdes, cabelo negro, ligeiramente ondulado, sempre vestido, impecavelmente, à moda dos figurinos ingleses. Fez uma revolução geral no coração das moças solteiras... e até mesmo de algumas senhoras casadas. As tres rosas, inteiramente seguras do seu valor, mantiveram-se completamente afastadas daquele grupo de moças fanáticas e sôfregas, que disputavam, enlevadas, um olhar ou um sorriso do galã dominador. Mas deixem lá que, entre elas, bem que observavam e comentavam todos os seus movimentos.

Maria - Repare, Rosa Helena: é o sexto terno esportivo que ele apresenta em menos de uma semana e cada qual mais bonito um do que o outro.

Helena - Eu não gosto nada dos homens que se preocupam muito com as roupas.

Maria - Mas ele as veste com naturalidade e até mesmo com certa displicência, repare.

Helena - De qualquer forma, o fato de trocá-las tão seguidamente é uma prova de sua preocupação nesse particular e isso me desagrada.

Maria - Mas ele é muito bonito, você não acha?

Helena - Bem... é bonito; sim, não digo o contrário.

Maria - E todas as suas roupas são elegantíssimas, não é mesmo?

Amelia - Cuidado, Rosa Maria. Você está falando e olhando constantemente para o lado do rapaz...

Maria - Ele está de costas, mãe.

Amelia - Mas os outros podem perceber e isso ficará mal para você.

Helena - Para ela só, não. Para todas nós. Não faltará quem diga que estamos, todas, nos interessando por um rapaz que afinal de contas não sabemos quem é nem o que faz. Rosa Maria é assim. Não sabe conter os seus ímpetos.

Maria - (carinhosa) Oh, maninha, você parece que ficou aborrecida comigo? Desculpe, mas eu tenho a impressão de que não fiz nada de mal.

Helena - Você não sabe manter linha. Precisa aprender a sentir as coisas e guardá-las para si mesma.

Maria - Você quer dizer que eu não devo ser sincera, então?

Helena - Não é nada disto. Você não compreendeu o que...

- Maria - (cortando) Compreendi perfeitamente. Eu posso sentir as coisas mas não devo dizer que sinto. Isso o que é? Não é fingir?
- Helena - Não senhora. É dissimular apenas.
- Maria - E dissimular ou fingir não é a mesma coisa?
- Helena - Não é a mesma coisa, não senhora.
- Maria - Como não é, maninha? Procure no dicionário de Candido Figueiredo que você vai encontrar lá, na palavra "fingir": Inventar, fantasiar, simular, arremedar, sêr dissimulado e aparentar o que não é.
- Helena - Bem, mas neste caso a definição do dicionário não quer dizer nada.
- Maria - Mas como não quer dizer? Então para que existe a significação das palavras se nós entendermos de...
- Amélia - (toda ternura e suavidade) Minhas filhas, chega. Por favor não discutam mais. Eu não gosto quando vocês discutem. Tenho a impressão de que um dia uma discussão poderá separar vocês e eu morreria de desgosto se acontecesse uma coisa dessas. Desde pequeninas, eu me esforcei para que vocês fôsem sempre muito amigas e assim desejo que continuem enquanto viverem, ou pelo menos enquanto eu viver.
- Helena - Rosa Maria é que começou a discussão. A senhora viu.
- Maria - Eu, Rosa Helena? Mamãe, a senhora que ouviu tudo diga: fui eu que comecei?
- Amélia - Minhas queridas, nenhuma das duas começou. Simplesmente a conversa se encaminhou para um ~~xxxx~~ terreno em que cada uma tem o seu ponto de vista. Quando isso acontecer novamente, cada uma ~~xxx~~ deverá respeitar a opinião da outra para que não hajam dissensões. Entendidas?
- Maria - (carinhosa) Entendidas, sim, mãesinha.
- Amélia - Pois então dê um beijo em sua irmã e continuemos a conversar como boas amigas que sempre fômos.
- Narrador - Bram assim as três rosas. E embora Rosa Helena tivesse um ar dominador e uma maneira de falar um tanto autoritária, bastava que a mãe dissesse qualquer coisa para que ela cedesse logo e silenciasse. (Pausa e tom) Rodrigo não tardou muito tempo em tomar conhecimento da presença das três beldades e notar que eram, elas, as únicas que não se mostravam rendidas à sua beleza máscula e ao seu porte de atleta. Isso foi o suficiente para que ele começasse a se interessar em saber quem eram elas. Uma vez inteirado de tudo, começou a

rondá-las. Elas perceberam, de imediato, a situação.

Maria - Eu gostaria de saber a qual de nós ele procura. Quando nos retiramos do salão de refeições e passamos perto da sua mesa, eu tive a impressão de que ele olhou para você, maninha, sabe?

Helena- Pois eu lhe digo que nem notei.

Maria - Mas logo depois, no terraço, eu senti que ele olhou para mim também.

Helena- E para a mãe ele também olhou bastante, quando estávamos na sala de jogo.

Amelia- Para mim?! Ora, minhas filhas, eu nem estou pensando numa coisa dessas.

Helena- Bem, a senhora pode não estar pensando, mas que ele tem olhado muito para a senhora tem, porque eu tenho observado.

Amelia- Perde o seu tempo, porque eu já lhes tenho dito e repito ainda uma vez: só pensarei em casar-me se depois de vocês estarem casadas vir a me sentir muito só, do contrário prefiro continuar a viver como até hoje.

Maria - Nós não lhe deixaremos só, mãesinha. Eu, pelo menos, hei de ter sempre um lugar para a senhora na minha casa.

Amelia- Obrigada, querida. Eu lhe agradeço muito a intenção, mas lhe aconselho a que não se apegue a essa ideia antes de ser noiva e de haver conversado com o seu noivo a esse respeito. Há genros para quem a sogra, por melhor que seja, é sempre um tranbolho e eu não me sujeitaria, nunca, a que qualquer um dos meus genros me admitisse na sua casa apenas por obrigação.

Maria - Aquele que desejar unir ao meu o seu destino ha de aprender, antes, a querê-la da mesma forma como eu lhe quero. E se isso não acontecer, eu o mandarei logo passear. E estou certa de que Rosa Helena ha de fazer o mesmo, não é maninha?

Helena- (sem convicção) Naturalmente.

Amelia- Obrigada, meu amores. Eu lhes agradeço essa prova de afeição e de carinho e só peço a Deus, bondoso e clemente, que sejamos assim, unidas, sempre sempre.

Narrador - (narrando) Os dias foram passando e Rodrigo sempre rondando as três rosas, sem que alguém pudesse ter a certeza a qual das três ele procurava. A essa altura dos acontecimentos, até Rosa Amelia e Rosa Helena, que a princípio se mostravam completamente indiferentes à corte do rapaz, já começavam, também, a mostrar curiosidade e impaciência. Foi

então que arquitetaram um plano para dar ^{a Rodrigo} ~~Amélia~~ a oportunidade de se manifestar livremente.

Helena - De hoje em diante, deixaremos de andar as três juntas, como sempre fazemos. Quando o avistarmos, iremos cada uma para um caminho completamente oposto ao das outras duas para que ele se resolva a seguir uma ou outra. Creio que assim poderemos ter a certeza de qual de nós três é a preferida.

Maria - Ótima ideia. Um plano excelente esse seu, maninha. A senhora não acha, mãesinha?

Amélia - Para tirar-nos da dúvida é realmente um plano muito bom, mas por outro lado eu tenho muito receio, sabe minha filha?

Maria - Receio, mãesinha? Mas receio de que?

Amélia - De que você se desiluda e venha a sofrer com a sua decepção. Nesse caso eu havia de preferir, sempre, que a coisa continuasse indefinidamente como está, sem que chegassemos, jamais, à certeza que desejamos. Aliás, eu confesso lealmente a vocês que o meu interesse, no caso, não vai além de mera curiosidade.

Helena - Eu da mesma maneira. Acho Rodrigo bonito de mais e esse atributo, no homem, nunca foi muito do meu agrado.

Maria - Pois eu confesso que sinto por ele um entusiasmo sem limite, mas mesmo assim prefiro sujeitar-me a sofrer uma desilusão do que continuar indefinidamente nessa incerteza que já começa a me aborrecer.

Amélia - Está bem, se você prefere isso... vamos então executar o plano de sua irmã.

Narrador - E naquela mesma tarde, após o jantar, as três começaram a passear na calçada, à frente do Hotel, até que Rodrigo apareceu à porta. Quando ele começou a descer os poucos degraus que o separavam da calçada, as três rosas se ~~separaram~~ ^{dividiram} e cada uma tomou o seu rumo previamente combinado. Rosa Amélia subiu a rua, em direção à Igreja. Rosa Helena desceu-a, tomando o rumo da Estação. Rosa Maria atravessou imediatamente para a calçada em frente e foi se postar, duas quadras adiante, à frente dos cartazes do cinema. Vinte minutos depois, Rosa Amélia e Rosa Helena estavam de volta ao Hotel e trocavam as impressões colhidas.

Helena - Eu, para falar a verdade, nem sei lhe dizer si ele me seguiu ou não, porque antes de chegar à estação encontrei-me com dona Hermengarda,

ela começou a conversar comigo, eu me distraí com o assunto, começamos a andar juntas e quando voltei a me lembrar do plano estabelecido já estávamos a meia quadra do hotel e eu desisti de tudo.

Amelia - Pois eu, minha filha, tive um choque tremendo. Senti que alguém me seguia a curta distancia, mas não tinha coragem de olhar para traz. Subi os degraus da Igreja, sentindo que alguém os subia, também, atrás de mim. Tinha o coração em pânico de me lembrar que pudesse ser ele. Desejava ardentemente que não fôsse, mas qualquer coisa me dizia que era. Eu não podia permanecer naquela dúvida terrível e, rápida como um relâmpago, imaginei um truque para poder esclarecer a verdade. Entrei na Igreja, passei alguns passos da pia de agua benta, esbocei um gesto como se me tivesse esquecido de benzer-me e voltei até à pia. Enquanto molhava as pontas dos dedos na agua sagrada, arrisquei, rapidamente, uma vista de olhos para a porta de entrada e o meu coração estremeceu. Ele acabava de entrar e se ajoelhou no banco mais próximo. Fui até ao fundo da Igreja, tremendo como uma criança surpreendida numa falta grave, ajoelhei-me e comecei a rezar. Pedi então a Deus, com todo o fervor da minha alma de mãe, que o afastasse dali e que o levasse para Rosa Maria para que o seu coraçãozinho não tivesse que sofrer a decepção terrível de ver-se preterido justamente por mim que sou mãe e que a amo tanto. Quando terminei de rezar e me levantei para sair, Deus havia escutado a minha prece e ele já não estava mais ali.

Narrador - E foi nessa altura da conversa de Rosa Amelia e Rosa Helena, que apareceu Rosa Maria, trêmula de emoção, olhos brilhantes, faces afogeadas, o coração a arfar, desenfreado, por baixo da blusa de cambraia azul hortencia.

Maria - (meia voz, trêmula, profundamente emocionada pela felicidade que sente)
Mãmãe... Rosa Helena... ele... ele me seguiu... falou comigo... disse que está profundamente impressionado com ^{o azul} ~~os azuis~~ dos meus olhos... e o ouro dos meus cabelos... Ele se declarou, mãmãe!... Disse que me ama. A senhora ouviu? Você me ouviu, maninha? Ele disse que me ama. E eu estou tão feliz... (voz de choro) tão feliz... que necessito fazer um esforço imenso para não chorar!...

CONTROLE - CARACTERÍSTICA MUSICAL PARA FINAL DO PRIMEIRO ATO.

LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL.

CONTROLE - CARACTERÍSTICA DE ABERTURA DO SEGUNDO ATO.

Narrador - Quando Rosa Maria naquele doido alvoroço se aproximou de sua mãe e de sua irmã, dizendo-lhes que Rodrigo se declarara a ela, difícil seria, mesmo ao observador mais astuto, dizer a reação que aquela confissão provocara no coração das outras duas rosas. Por alguns instantes permaneceram mudas e incapazes de uma palavra qualquer ou de algum gesto. Depois... Rosa Amelia abraçou a filha dizendo-lhe apenas isto:

Amelia - Seja feliz, minha filha.

Narrador - Rosa Helena não disse nada. Ficou quieta... absorta... olhos vagos, perdidos no espaço... a boca ligeiramente repuxada para um lado, dando a impressão de que se ia abrir, a todo o momento, num sorriso de ~~de~~ ^{desdém}. Foi a própria Rosa Maria quem a fez sair daquele mutismo, obrigando-a a um pronunciamento.

Maria - Você não diz nada, maninha? Não está contente por mim?

Helena - Penso que você não deve confiar num homem que mal conhece, que não se sabe quem é e que pela primeira vez lhe dirige a palavra. Não esqueça que ele pode, muito bem, estar procurando divertir-se à sua custa.

Maria - Não creio. Eu senti a sinceridade com que ele me falou.

Helena - Você é muito ingênua e bastante inexperiente para poder distinguir o que é falso e o que é legítimo. Além disso, você precisa ver que mãe não poderá concordar que esse namoro continue sem que se tenha obtido informações seguras sobre a família e o procedimento do rapaz.

Amelia - Sim, minha filha, isso é absolutamente necessário e a mãe faz questão, para que fique eximida a minha responsabilidade e para salvaguardar a sua felicidade no futuro.

Maria - Eu sei, Mãe, e estou perfeitamente de acordo em que a senhora faça ^{mesmo} isso porque o coração me diz que as informações serão ótimas e que tudo sairá bem para mim.

Amelia - Deus permita que o seu coração não lhe engane, minha filha. (meia voz) Quanto ao meu... o que desejo é que ele esteja enganado.

Narrador - As informações foram boas e Rosa Maria exultou. Rosa Amelia ^{se} resignou e começou a procurar convencer-se a si própria de que deveria admitir, num futuro próximo, o noivado de sua filha mais moça. Rosa Hel

na, por sua vez, manteve-se distante daquele episódio romântico e dos personagens que o viviam. ^(Ter) Findou-se o veraneio, as três rosas voltaram à sua residência na cidade e Rodrigo começou a frequentar-lhes a casa na qualidade de namorado de Rosa Maria. Esta, na sua franqueza tão peculiar, trazia sempre a mãe e a irmã ao corrente de todas as suas conversas e todos os seus projetos com seu quasi-noivo. E foi assim que uma noite, depois que Rodrigo se retirou de sua costumeira visita, ela disse às outras duas, num entusiasmo sincero e incontido:

Maria - (entusiasmo) Mãe, maninha... no dia do meu aniversário Rodrigo vai pedir-me oficialmente em casamento.

CONTROLE - ACORDE TRÁGICO, SEM CORTAR A CENA.

(Choque)

Amelia - No... no dia do seu aniversário?!

Maria - Sim, mãesinha. Não lhe parece uma data muito própria?

Amelia - Bem... realmente... (recompondo-se) Quer dizer então que... daqui a quatro dias... você ficará noiva desse rapaz?

Maria - Sim, mãe. Poderei, então, andar de braço com ele na rua e apresentá-lo às minhas amigas: este é Rodrigo "o meu noivo." (Tom) Penso que a senhora estará de acordo com este nosso projeto, não é mesmo?

Amelia - Bem... que posso fazer... sinão concordar?

Maria - Obrigada, mãesinha. Eu sabia que contaria com a sua compreensão. Deixe-me beijá-la. (BEIJO) A senhora é a mãe mais compreensiva e mais carinhosa do mundo. Deixe-me beijá-la outra vez, minha mãe. Muitas vezes.

(MUITOS BEIJOS REPETIDOS, FRENÉTICOS E ENTUSIASTAS)

Amelia - Chega, minha filha, pare. A mãe quer ir se deitar que está muito cansada. (Afastando-se) E vocês não se demorem muito que amanhã temos que levantar muito cedo para irmos à missa.

C/REGRA - PASSOS QUE SE AFASTAM. PORTA QUE ABRE E FECHA.

Maria - (depois de pausa) Que coisa estranha... a mãe não me pareceu muito entusiasmada com a notícia do meu próximo noivado. Por que será?

Helena - (fria) Você ainda não compreendeu?

Maria - O que? Você acha que ela deva ter alguma razão para se opôr?

Helena - Está visto. Se você fôsse um pouquinho mais observadora já teria compreendido tudo.

Maria - Mas compreendido o que? Rodrigo, afinal, é um rapaz distinto, de boa família, de esplêndido conceito na sociedade em que vive...

Helena - Está muito certo tudo isso, mas, no caso, não é o que está interessando. Os motivos são outros.

Maria - Rosa Helena, por favor, fale claro e explique-se. Eu começo a ficar aflita.

Helena - Você não reparou que mãe nunca mostrou grande entusiasmo nesse seu namoro? (Pausa) Você é muito algariada talvez nem tenha percebido isso.

Maria - Não, não... percebi, sim. Agora me lembro que ela custou muito a me felicitar quando lhe comuniquei, lá no veraneio, que ele havia falado comigo pela primeira vez.

Helena - E não reparou, também, a cara desconsolada com que ela veio lhe comunicar que as informações colhidas, sobre ele, haviam sido boas?

Maria - (pequena pausa). É... realmente... nem sei como, na ocasião, eu não me apercebi desse detalhe.

Helena - E não notou, há pouco, que mal você lhe disse que ficaria noiva daqui a quatro dias que ela se levantou e foi para o quarto se deitar?

Maria - Notei, sim, pois si até lhe disse que achei estranho...

Helena - E todos esses fatos não lhe dizem, bem claramente, a razão das suas atitudes? (Pausa) Você é muito ingênua, maninha. Tão ingênua que chega a fazer pena.. Pois você não está compreendendo que mãe ama Rodrigo?

CONTROLE - ACÓRDE TRÁGICO, SEM CORTAR A CENA.

Maria - (choque tremendo, quasi num grito) Não!!!... É mentira!!!... Você está injuriando nossa mãe!... Eu não acredito. Não acredito! Não pode ser!

Helena - Acalme-se e controle os seus gritos que ela acabará escutando-os.

Maria - (baixando o tom, voz trêmula de quem está querendo chorar) Não acredito. Não posso acreditar! Mãe não seria capaz de tamanha baixeza.

Helena - Que tãla você é. Tãla e trágica ao mesmo tempo. Onde a baixeza, si ela nada fez para evitar o seu namoro com Rodrigo e nem uma vez insinuou o menor gesto para infiltrar-se aos olhos dele? Quanto ao gostar, não lhe cabe nenhuma culpa. ~~XXXXXXXXXX~~ O coração sempre nos atraiçoa quando nos cremos com força bastante para dominá-lo.

Maria - Não pode ser... não pode ser... você tem que estar enganada.

Helena - Não estou, pode crer. E se lhe falei no assunto é porque tenho certeza absoluta do que digo.

Maria - Como pode ter certeza? Ela... ela alguma vez lhe falou a esse respeito?

Helena - Claramente não, mas naquele dia em que nos separamos e cada uma tomou um rumo diferente, para ver a qual de nós ele seguiria, você deve estar lembrada que eu e mãe voltamos para o hotel antes de você. Não se recorda desse pormenor?

Maria - Sim...

Helena - Pois bem, antes de você chegar, estivemos, cada uma, comentando as observações que havíamos feito sobre o assunto. Foi aí que eu pude bem observar o entusiasmo de mãe ao ver que havia sido seguida por ele até à igreja e o seu profundo desaponto quando, ao sair, verificou que ele havia desaparecido.

Maria - Maninha... isso... isso é verdade, maninha?

Helena - Você crê que eu seria capaz de inventar uma coisa dessas? Com que interesse, afinal? Você sabe, perfeitamente, que Rodrigo nunca me entusiasmou. Nunca lhe neguei beleza nem outros atributos que ele possui, mas também nunca deixei de dizer que não me agradavam os homens assim tão bonitos. É verdade ou não é verdade que procedi sempre assim?

Maria - É verdade, sim, mas o que eu não compreendo, afinal, é a razão porque você foi me falar disso agora, justamente na véspera de ficarmos noivos?

Helena - Eu vou lhe explicar porque: É que sempre pensei que mãe conseguisse abafar os ímpetos do seu coração e acabasse por aceitar a situação com naturalidade e sem maiores sofrimentos, mas a verdade é que nestes três meses, em que a venho observando com toda a cautela e a máxima atenção, acabei por me convencer que ela sofre terrivelmente e que eu não tenho o direito de cruzar os braços, impassível ao seu sofrimento. Você observou o quanto ela emagreceu? E não acha que eu tinha o dever de falar-lhe?

Maria - E agora, maninha? Que devo fazer? Aconselhe-me. Eu não quero ser a causadora do sofrimento de mãe. Não quero.

Helena - Esse é um caso muito delicado de se aconselhar alguém. Proceda como achar que deve.

Maria - (depois de pausa) Que faria você em meu lugar, maninha? Diga.

Helena - Você quer mesmo que lhe diga com toda a sinceridade o que faria?

Maria - Pois si estou lhe pedindo é porque quero.

Helena - Pois bem, eu renunciaria à minha felicidade.

CONTROLE - ACÓRDE TRÁGICO, SEM CORTAR.

Helena - Mas renunciaria de forma a que ela não pudesse nem de leve suspeitar que o fazia por causa dela.

Maria - Mas você não compreende que eu amo Rodrigo com desespero e que a renúncia seria a minha morte?

Helena - Você é moça e tem ainda muito tempo na sua frente para esquecê-lo e vir a gostar de outro com igual entusiasmo. Mãe, não. Embora não aparente, já vai começando a se aproximar da casa dos quarenta e nessa idade, quando uma mulher se apaixona, sem esperanças de ser correspondida, começa a envelhecer um ano em dez dias e acaba por se entregar à velhice e à morte sem qualquer reação. Pense bem no que acabei de lhe dizer e depois resolva. Você tem, ainda, quatro dias na sua frente. Procure conversar a sós com a sua consciencia e proceda como achar melhor.

Narrador - Rosa Maria, naquela noite, se recolheu ao seu quarto completamente arrasada. Passou a noite toda em vigília. Foi presa da mágoa... da tristeza... do ódio... da revolta... mas por fim a compaixão dominou-a. E começou então a reviver os tempos de sua infância, quando sua mãe, sempre carinhosa e solícita, vinha postar-se à cabeceira de sua cama, quando um receio qualquer a impedia de conciliar o sono. Lembrou-se da sua ternura... dos seus beijos... das suas palavras amigas... da sua dedicação de todas as horas... dos seus cuidados em todas as ocasiões. Ela fôra, realmente, uma mãe como poucas e merecia bem o sacrifício mesmo do amor de Rodrigo. (Pausa) Não esperou quatro dias. Logo ao dia seguinte, na primeira ocasião em que se viu a sós com Rosa Amelia...

Maria - (esforçando-se por ser firme) Estou firmemente resolvida a terminar tudo esta noite mesmo.

Amelia - Mas minha filha, eu não posso compreender essa transformação. Inda ontem à noite você ~~era~~ parecia a própria felicidade quando nos veio anunciar que ficaria noiva no dia do seu aniversário. Você soube alguma coisa desagradável a respeito dele?

Maria - Não, mãesinha, o que houve é que ^{W/L} vendo ~~na~~ na iminencia de assumir um compromisso mais sério, eu comeci a fazer um exame de consciencia e acabei por me convencer que, em realidade, eu não gostava de Rodrigo como deveria gostar para casar-me.

Amelia - Bem... eu não quero interceder na sua resolução, mas também não desejaria que você tomasse uma atitude precipitada, para mais tarde vir a arrepender-se, quando já não houvesse mais remédio. Você já pensou bem?

Maria - Pensei, mãesinha.

Amelia - Tem certeza de que o arrependimento não virá?

Maria - Certeza absoluta.

Amelia - Pois bem, então... já que é um caso consumado e que você resolveu completamente só, sem a interferência e os conselhos de ninguém, deixe-me que lhe diga que estou muito e muito feliz com a sua resolução. Talvez seja um egoísmo muito grande da minha parte, mas a verdade é que eu tinha, dentro do peito, um desespero sem nome por pensar que você se casaria em breve e deixaria de pertencer-me. Era essa a minha tristeza, filha querida: eu não queria perder você. (Dois beijos) E agora vou dar essa grata notícia à sua irmã porque senti sempre que, pelo mesmo motivo, ela também não via com bons olhos o seu casamento. (afastando-se) Rosa Helena! Rosa Helena! Onde está você, filhinha? Tenho uma notícia muito boa para você. Venha cá. (a voz se perde na distancia)

Maria - (depois de pausa, prendendo o pranto que teima em se expandir) Não era a mim... não era a mim que a Senhora não queria perder... era a ele. Mas se a senhora soubesse... o quanto me custa perdê-lo... o quanto me custa renunciar ao grande amor de minha vida!... (já chorando, desesne-rada) Oh, mããe, mããe!... Por que foi a senhora... justamente a senhora a que o destino escolheu para ferir de morte o coração de sua filha? !... (desata em soluços desesperados)

CONTROLE - CARACTERÍSTICA MUSICAL FORTE PARA FINAL DO SEGUNDO ATO.

LOCUTOR - PUBLICIDADE COMERCIAL.

CONTROLE - CARACTERÍSTICA DE ABERTURA PARA O TERCEIRO ATO.

Narrador - Rosa Maria cumpriu com galhardia a sua promessa. Despediu Rodrigo sem que este lograsse convencê-la a revogar sua resolução. Dois meses haviam transcorrido, desde aquela noite e a pobre menina já não podia mais ocultar, embora se esforçasse muito, a tristeza sem fim que lhe morava n'alma. Começando a observá-la e percebendo-a, Rosa Amelia externou à outra filha a sua preocupação e o seu cuidado.

Amelia - Eu estou inteiramente convencida, minha filha, de que sua irmã se arrependeu de haver despedido Rodrigo e agora, por amor próprio, não se anima a mandar chamá-lo e lhe dizer tudo. Mas eu não posso mais ver, em silêncio, a minha filha querida, sofrer da maneira que sofre. Estou resolvida, sabe?

Helena - (rápida) O que é que a senhora vai fazer?

Amelia - Hoje mesmo vou botá-la em confissão e si fôr o que eu penso, eu mesma irei buscar seu ex-noivo e o trarei aqui para que se entendam novamente.

Helena - (susto) Não, Mãe, não faça isto. Não faça porque ele não virá.

Amelia - Como você pode saber que não? Irei e tenho certeza absoluta de que o convencerei com os meus argumentos.

Helena - Se a senhora soubesse o que eu sei... jamais iria à procura de Rodrigo.

Amelia - Que sabe você? Por que não me diz?

Helena - Pois bem... Não foi Rosa Maria que desmanchou o noivado com Rodrigo. Foi ele que confessou a ela que não a amava.

Amelia - Ele?!... Mas não é possível!...

Helena - E por que não? Isso nos homens é tão comum. A senhora nem parece que é mais velha do que eu e tem mais experiência da vida.

Amelia - Mas como ele pode ter a coragem de marcar até o dia em que viria pedi-la em casamento? Não, eu não me convengo. Eu vou falar com ele.

Helena - Mãe, não proceda como criança, por favor. Eu já fiz o que a senhora está querendo fazer e não obtive o menor resultado.

Amelia - Você... você foi falar com ele, minha filha?

Helena - Fui. Fui porque compreendi, antes da senhora, o sofrimento dela e tive muita pena. Conversei longamente com ela e ele acabou por me con

fessar que não lhe era possível fazer nada para afastar a tristeza de Rosa Maria porque infelizmente ele amava loucamente a uma outra mulher. E quer que lhe diga quem é essa outra, Mãe? Quer?

Amelia - Não me interessa saber. Interessa-me a minha filha, apenas.

Helena - Mas eu vou lhe dizer, mesmo que não lhe interesse. A mulher que ele ama... é a Senhora.

CONTROLE - ACÓRDE TRÁGICO, SEM CORTAR A CENA.

Amelia - (assombro) Co... como?!... Você está louca, minha filha?!...

Helena - Foi ele mesmo que me disse.

Amelia - Mas ele então não compreende que eu nunca poderia amá-lo e que se isto, por desgraça, acontecesse, que eu preferia morrer a deixar que ele ou ela percebessem?

Helena - Ele sabe, e por isso mesmo não a procurou. Confessou-me que namorou Rosa Maria apenas para se poder se aproximar da senhora, com a esperança de conquistá-la. Quando compreendeu a inutilidade do seu esforço, preferiu afastar-se definitivamente.

Amelia - Mas isso é inconcebível!... É uma traição miserável do destino!...

Helena - Uma fatalidade, é o que é, mas a vida às vezes se compraz em colocar-nos à frente de encruzilhadas como está que nos deixam completamente aturdidas e sem saber o caminho a seguir.

Amelia - (desesperada) Que posso fazer diante disto, minha filha? Responda.

Helena - Nada, mãe. A senhora não pode fazer nada. Ou ainda pensa que deverá ir falar com Rodrigo, mesmo depois do que eu lhe contei?

Amelia - Não, minha filha, não posso. Depois de saber o que sei... eu não teria coragem nem para dirigir-lhe a palavra. (Pausa) Mas eu preciso fazer alguma coisa por Maria Rosa. Preciso encontrar qualquer remédio que lhe traga um pouco de alívio ao sofrimento.

Helena - O remédio é esperar que o tempo transcorra e a dor vá serenando na vagem dos dias e dos meses.

Amelia - Sim... você tem razão. Infelizmente... parece que é essa a única solução. Mas para ajudá-la a esquecer o seu sofrimento, nem eu e nem você deveremos, jamais, pronunciar o nome de Rodrigo na frente dela.

Helena - Para mim, isso é o que menos custa fazer. Tenho-lhe asco.

Amelia - Eu a tanto não vou, mas a verdade é que nunca poderei perdôá-lo pelo mal que ele fez à minha pobre filhinha.

Narrador - A partir desse dia, começou para Rosa Amelia um duplo suplício: a agonia de ver a tristeza de sua filha cada vez mais crescente e a tortura de sentir-se culpada pelo seu sofrimento. Fez voto de silêncio sobre o assunto e cumpriu-o, mas a sua solicitude, o seu carinho, a sua presença constante junto da Rosa Maria, falavam bem alto da sua preocupação e do seu desespero. Rosa Helena mantinha-se alheia àquele estado de coisas. Alheia... e indiferente. E como a irmã teimasse em não querer sair e a mãe, por sua vez, insistisse em acompanhá-la sempre, Rosa Helena, agora, saía sempre só, principalmente à tarde, quando - dizia - ia tomar aulas de pintura para matar seu tempo e distrair-se um pouco. Assim as coisas se mantiveram pelo espaço de alguns meses até que uma manhã...

Amelia - Interessante... já são mais de dez horas e sua irmã, até agora, ainda não desceu para tomar café. Ela não costuma dormir assim até tão tarde...

Maria - E ela ontem parecia tão bem disposta... tão diferente dos outros dias... Chegou mesmo a rir abertamente a propósito de nada.

Amelia - Ela deve ter tido qualquer coisa e eu estou começando a ficar aflita. Sei que ela não gosta que se a interrompa quando está encerrada no seu quarto, mas não posso esperar mais. Vou mandar Almerinda lá em cima ver o que está acontecendo.

Narrador - A empregada foi... bateu repetidas vezes na porta e como ninguém respondesse... experimentou o trinco. A porta estava aberta... e ninguém no quarto. Olhou em torno... e deu com os olhos numa carta sobre a mesinha de cabeceira. Apanhou-a... desceu... e entregou-a a Rosa Amelia. Esta, contendo o coração que parecia saltar-lhe do peito, e simulando uma calma que estava longe de experimentar, rasgou o envelope e começou a ler baixo. Empalideceu mortalmente e, sem querer, levou a mão ao peito, comprimindo-o com força, na esperança de aliviar a angustia que estava sofrendo. Rosa Maria, sentada a poucos passos da mãe, observava-a em silêncio. Quando a mãe dobrou a carta para repô-la no envelope, perguntou...

Maria - (medrosa) Que... que foi, mããe?

Amelia - (voz de pranto contido a custo) Nada, minha filha. Sua irmã resolveu viajar e... não teve coragem de se despedir de nós. Por isso deixou esta carta.

Maria - Rosa Helena resolveu viajar?!... Mas como? Sem ter avisado nada? Sem ter combinado coisa nenhuma?!...

Amelia - (mentindo) Bem... quer dizer... ela... ela já havia me falado nisto e eu... eu disse a ela que estaria de acôrdo, mas... ela... ela estava indecisa porque... porque não tinha coragem de nos deixar, entende?

Maria - Que coisa estranha o procedimento de Rosa Helena... Eu não posso compreender... Deixe-me ver a carta que ela escreveu, mãe.

Amélia - (susto, rápida) Não, minha filha, não. Ela... ela me pede que não mostre esta carta a ninguém, e... si eu mostrasse a você...

Maria - Não, mãe. Eu... eu quero ver essa carta. Ela contém alguma coisa que a senhora procura ocultar de mim e que eu presinto que seja algo de muito grave pela palidez em que a senhora ficou quando tomou conhecimento do seu teor.

Amélia - Minha filha... a mãe lhe pede encarecidamente: não insista.

Maria - Não, mãe. Seja lá o que fôr... eu preciso ler essa carta.

Amélia - Filhinha querida... não... a mãe lhe suplica que não... Você já tem sofrido tanto, ultimamente... para que procurar sofrer mais?

Maria - Não, mãe, nada me fará sofrer ^{mais do que} ~~tantissimo~~ a dúvida que mora dentro de mim, desde o instante em que rompi meu noivado com Rodrigo. E este silêncio que ambas guardamos, até agora, acabará por me enlouquecer.

Amelia - Você não devia insistir, querida. Devia ouvir o que a sua mãezinha lhe diz. Já que eu não posso fazer...

Maria - (cortando) Mãe, ouça: há quasi um ano que vivemos, as duas, aqui dentro lado a lado, em todas as horas do dia e da noite. Nunca estivemos tão juntas tanto tempo, mas em verdade nunca estivemos realmente juntas. Houve, sempre, entre nós, um premeditado silêncio que nos separou. Era como se uma sombra negra se interpuzesse entre nossas almas e não permitisse uma perfeita comunhão entre elas. Rosa Helena se afasta, repentinamente, deixando-nos uma carta que a senhora se obstina em não permitir que eu leia. Pois quer que eu lhe diga uma coisa? Tenho comigo um estranho pressentimento de que a sombra negra existente entre nós ~~xxxxxxxxxxxx~~ era Rosa Helena e que a leitura dessa carta que ela nos deixou irá romper a barreira que nos separa. Portanto, mãe, para que possamos estar juntas como desejamos, mas bem juntas, não só de corpo mas de alma também, atenda ao que lhe peço e deixe-me ler essa carta.

Amélia - (depois da pausa, trêmula, voz de pranto) Está bem, minha filha. Eu ~~de~~ queria poupá-la de mais esse golpe tão rude, além de que não desejava que você guardasse de sua irmã uma lembrança tão tôrpe, mas diante do que você acabou de me dizer e da necessidade, que eu sinto que temos, de estarmos mais unidas do que nunca neste momento amargo... creio que o melhor que tenho a fazer é deixar que você tome conhecimento da infâmia que sua irmã praticou. ^{Aí tem a carta. Leia.} (desata a chorar e fica chorando, em fundo, durante toda a leitura da carta).

Maria - (lendo) Mãe... e Rosa Maria.

Helena - (segue a leitura) Esta é a minha carta de despedida e o meu brado de vitória numa luta subterrânea de dez longos meses, onde a astúcia venceu a força e teve, por fim, o prêmio merecido. Fujo para longe daqui, onde me casarei com Rodrigo assim que nos tenhamos encontrado. Desde o instante em que o conheci, não pude mais admitir a felicidade sem que o tivesse a meu lado e por isso lutei com as armas da intriga, as únicas que me poderiam garantir a vitória que hoje obtenho. Na batalha do amor todas as táticas são válidas e, assim sendo, posso me sentir inteiramente tranquila ao me proclamar vencedora.

Maria - (chorando) Recebam o adeus da filha e irmã... Rosa Helena.

Amélia - (chorando também) Pobre da minha filhinha!... Eu sabia que você ia sofrer muito, queridinha! Eu sabia!... Por isso... por isso não desejava que você tivesse lido essa carta.

Maria - Não, Mãe, engana-se. Foi bom. Foi muito bom. Na verdade esta carta me afastou para sempre de Rosa Helena... mas em compensação... permitiu que eu compreendesse umas tantas coisas que me torturavam e que me afastavam da senhora. Agora... agora poderemos estar realmente juntas... e juntas chorarmos a desgraça que nos feriu.

Amélia - (chorando muito) Minha filhinha querida!...

Maria - Se é por mim que a senhora está chorando... pode secar o seu pranto, porque eu lhe afianço... que de agora em diante... hei de ser muito menos desgraçada.

Amélia - Não sei, minha filha, não sei!... Nem sei si é por ti ou si é por ela que estou chorando. (vai se afastando para o fundo do estúdio chorando)

Narrador - (depois que o pranto se perde) Três anos se passaram sem que Rosa Amélia e Rosa Maria tivessem qualquer notícia de Rosa Helena. Eu tam

bem nunca mais havia visto a nenhuma das três, embora jamais tivesse podido esquecer aqueles rostos tão lindos que me habituára a admirar, diáriamente, naquela hotel de veraneio. Certo dia, fui destacado para integrar uma missão esportiva que representaria a nossa Pátria na vizinha República do Uruguay. E foi lá que uma tarde, em que me encontrava à porta de uma igreja, uma religiosa se acercou de mim.

Helena - O senhor por aqui?!... Que agradável surpresa!...

Narrador - Queira desculpar, mas... quem é a senhora?

Helena - Não se lembra de mim? Olhe-me bem.

Narrador - (depois de pausa) É interessante, mas... eu não sei...

Helena - Sou Rosa Helena, ou melhor: fui Rosa Helena. Hoje... sou apenas...
Irmã Piedade.

Narrador - (auge do assombro) Rosa Helena!... Como... como o hábito a deixou diferente!...

Helena - Não. Não foi o hábito que me deixou diferente. Foram as amarguras todas que experimentei, antes de vesti-lo.

Narrador - (narrando) E então, ali mesmo, ela me contou toda esta história que estou narrando e que teve por desfecho a sua fuga e o seu casamento com Rodrigo. Este, no entanto, ao fim do segundo mês de ^{casado} ~~casado~~ ~~casado~~ compreendeu o erro que cometera, acreditando que nos braços de Rosa Helena seria fácil esquecer Rosa Maria. Isso não aconteceu e o desespero levou-o ao suicídio. E aquela freira de facts encovadas e de olhar mortíço, despediu-se de mim com as seguintes palavras:

Helena - Não diga à Mãe onde estou. Diga-lhe, apenas, o que aconteceu comigo, para castigo ~~de~~ minha infâmia. E diga-lhe mais: que peço a Deus, todos os dias, que ela e minha irmã me tenham perdoado pelo mal que lhes causei.

Narrador - Prometi à Irmã Piedade que levaria o seu recado e, ~~immediatamente~~ de regresso ao Brasil, procurei imediatamente cumprir a minha promessa. Anunciei-lhes a minha visita para o dia seguinte ~~de manhã~~ e lá me encontrei, pontualmente, na hora marcada. Receberam-me duas velhas que - tal como se dera com a freira - custou-me reconhecer. E, em dois troncos mortos pelo vendaval da descrença... sem hastes e sem folhas. Não viviam. Deixavam-se apenas arrastar na voragem do tempo. Quando lhes contei tudo e lhes repeti as últimas palavras de Irmã Piedade, a Nossa Mãe, enxugando uma lágrima que lhe escorria

pela face macerada, teve, ainda, forças para dizer...

Amelia - Pobre da minha filha!... Como deve ter sofrido!... E ainda se preocupa, a pobresinha, em pedir, diariamente, a Deus o meu perdão, como si eu não a tivesse perdoado mesmo antes dela haver se arrependido! É que ela não é mãe e por isso não sabe que o destino das mães é sofrer pelos filhos... e perdoá-los sempre!...

Narrador - (depois de pausa) Quando saí dali, fiquei a pensar, comigo mesmo, no esplendor e na beleza daquelas três rosas que em menos de cinco anos haviam murchado e perdido o perfume! E preso à lembrança daquelas belezas de outr'óra, momentos depois, enquanto andava, me surpreendi cantarolando baixinho:

CONTROLE - ENTRA AQUI "CHARMAINE" NO TRECHO QUE DEVE SER CANTADO, EM B/G.

Narrador - Tão breve é a vida das rosas
tão frágil... tão tênue... fugaz...
que o vento implacável do outono
num sôpro mais forte desfaz!...

CONTROLE - SOBE "CHARMAINE" E FUNDE COM A CARACTERÍSTICA PARA ENCERRAMENTO.

Distribuição:

Narrador - Roberto Ris
Amigo - Moacir Ribeiro
Rosa Aneliã - ~~Luiz~~ Lourdes Helena
Rosa Helma - Rosa Maria
Rosa Maria - Kauri Acauan